

**A VOZ IGUAL: REVOLUÇÃO E
ESPERANÇA PARA ALÉM DA
POESIA EM AGOSTINHO
NETO E PEDRO
CASALDÁLIGA**

*THE VOICE LIKE:
REVOLUTION AND HOPE
BEYOND POETRY IN
AGOSTINHO NETO AND
PEDRO CASALDÁLIGA*

**Edson Flávio Santos¹²
(UNEMAT)**

RESUMO: Percorrendo as leituras sobre marxismo, modernidade e utopia temos encontrado um campo pleno de conceitos onde podemos derramar os poemas de Pedro Casaldáliga e Agostinho Neto para que sobressaiam suas

¹ Mestre e Doutorando em Estudos Literários – PPGEL/Unemat, Bolsista FAPEMAT, Tangará da Serra-MT/ Brasil. E-mail: edsonflaviomt@gmail.com

assimetrias e confluências. Da análise, ainda parcial, destes autores percebemos que suas trajetórias de vida e suas concepções pessoais acerca dos acontecimentos vão ser plasmados de uma forma muito segura em toda a sua obra. Uma produção literária que não restringe-se somente a poesia para expressar-se. Com uma atuação social e intelectual muito presentes, os dois poetas consolidaram em seus tempos-históricos uma cultura da mudança e da esperança.

PALAVRAS-CHAVE: Agostinho Neto; Casaldàliga; Utopia.

ABSTRACT: Walking through the readings of Marxism, modernity and utopia have met a full field of concepts where we can pour the poems of Peter Casaldàliga and Agostinho Neto to stand out their asymmetries and confluences. Analysis, even partial, of these authors realized that their life histories and their own views about the events will be embodied in a very safe manner throughout his work. A literary production that does not restrict only to poetry to express themselves. With a social activity and intellectual very present, the two poets consolidated in its historical-times a culture of change and hope.

KEYWORDS: Agostinho Neto; Casaldàliga; Utopia.

Tendo realizado, durante minha pesquisa de mestrado, um estudo sobre parte da produção poética de dom Pedro Casaldàliga, poeta catalão radicado no país desde a década de 1970, sentia um resquício de curiosidade crescente sobre uma suas declarações de quando esteve, antes de vir para o Brasil, desenvolvendo atividades apostólicas na África nos idos de 1961:

naquela data, vivíamos o despertar sangrento do Congo Belga, como um sintoma álgido do *despertar da África*. [...] Senti fisicamente a África, colonizada e catequizada, com o golpe do ar tropical que me invadiu os pulmões [...] Senti furiosamente a realidade e o chamado do Terceiro Mundo. E quando

regressei [...] com minha batina branca deliciosamente ridícula, [...] trazia para sempre, no coração, confusamente, como um feto, a África, o Terceiro Mundo, os Pobres da Terra (CASALDÁLIGA, 1979, p. 26).

Este fato e reiteradas declarações nesse sentido vieram a lume durante a pesquisa e unidas às diversas obras que o autor produziu sobre o tema fizeram com que eu me propusesse, numa perspectiva comparatista, realizar algumas aproximações sobre a poética de Pedro Casaldáliga e Agostinho Neto, poetas inseridos em diferentes espaços e temporalidades.

Pedro Casaldáliga, é espanhol, veio para o Mato Grosso/Brasil, em 1968. Foi nomeado Bispo da Prelazia de São Félix do Araguaia em 1971, num período em que o Brasil sofria com a pobreza e governado pelo regime militar, um cenário ideal para injustiça social e política. Por ocasião de sua posse como bispo, publica uma Carta Pastoral, em que denuncia todo o contexto de exploração, expropriação de terra, massacres, sofridos pelo povo da Prelazia³ de São Félix do Araguaia.

Decorrente de sua atuação, foi alvo de inúmeras ameaças de morte. Estes acontecimentos devem-se ao fato de Casaldáliga colocar-se em oposição declarada aos grandes proprietários de terra. Na Região do Araguaia, os grandes fazendeiros incentivados pelo Governo Federal dominavam as terras, retirando de suas casas os posseiros e de suas aldeias os índios. Era comum, e ainda recentemente é, serem encontradas pessoas trabalhando nessas fazendas, em situação análoga ao de escravidão. Os conflitos quase sempre acabam em morte. É desde 2005, Bispo Emérito da região e sempre colocou-se em oposição declarada aos grandes proprietários de terra, saindo em defesa das minorias residentes nessa porção-nordeste do Estado.

Agostinho Neto nasceu a 17 de Setembro de 1922, na aldeia de Kaxicane, região de Icolo e Bengo, a cerca de 60 km de Luanda. Filho de pais professores e missionários religiosos.

Decidido a formar-se em Medicina, Neto pôs de lado parte dos seus magros proventos durante vários anos e, foi com essas economias que embarcou para Portugal em 1947 e se matriculou na Faculdade de Medicina de Coimbra. Não havia uma única instituição de ensino superior na Colônia. O estudante que pretendesse continuar os seus estudos via-se forçado a fazê-lo à custa de grande sacrifício e tinha de alcançar um notável status acadêmico em condições de pobreza e discriminação racial extremamente difíceis. Estudando primeiro em Coimbra e posteriormente em Lisboa, foi-lhe concedida uma bolsa de estudos pelos Metodistas Americanos dois anos depois da sua chegada a Portugal.

Assim como Pedro, Agostinho Neto embrenhou-se em atividades políticas e experimentou a prisão pela primeira vez em 1951, quando reunia assinaturas para a Conferência Mundial da Paz em Estocolmo.

Foi liberto em 1957, contando com uma forte manifestação, por meio de manifesto assinado por intelectuais que contavam de prestígio à época, como: Simone de Beauvoir, Jean-Paul Sartre, Aragon, François Mauriac e o poeta cubano Nicolás Guillén.

Agostinho Neto retorna ao seu país natal no ano de 1959, e assume o comando do Movimento Popular pela Libertação de Angola – MPLA, fundado em 1956, vindo a falecer em 1979.

A poesia de Pedro Casaldáliga e Agostinho Neto tem uma função muito segura de si: denunciar a realidade que não se quer e anunciar um novo tempo, que se deseja de independência e de libertação.

O Brasil e Angola nas décadas de 1960 e 70, especificamente, viviam, em meio a realidades semelhantes: as lutas sociais. No Brasil, a rigidez do militarismo e as políticas de povoamento e divisão de terras impostos no interior do país expulsavam pequenos produtores e dizimava indígenas, enquanto em Angola, a luta pela organização social de um país de independência recente ainda não sinalizava um final feliz.

Das primeiras leituras, percebemos que Pedro Casaldáliga e Agostinho Neto, em seus textos, irão revelar/refletir/manifestar os sentimentos do homem dominado, oprimido e subalterno, tendo sempre como premissa os anseios individuais de um eu que é também coletivo-social, expressando-se através de uma crítica social que aponta para a utopia.

O conceito de utopia empregado nesse estudo foi cunhado por Ernst Bloch na obra *Princípio Esperança* onde a utopia/esperança é aquele desejo de encarar o futuro “de-olhos-abertos [...] buscando o não existente, mas que poderá existir” (BLOCH, 2005, p.88). Para o autor, a utopia é vista como construto da ideia do sonho diurno, inquieto, desperto, vivo e transformador. Nesse sentido, temos uma utopia que não se realiza só no plano do desejo mas, que presentifica um futuro.

Diante disso, parece-nos salutar ver como se operaram nas obras produzidas pelos autores aquilo que CANDIDO (2000, p. 4) analisa como o elemento “*externo* (no caso, o social) que importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, *interno*”.

Nesta senda, Casaldáliga produz uma obra que traz para dentro do texto uma oposição ao processo de expropriação de terras, utilização de trabalho escravo e opressão aos menos assistidos economicamente.

Do mesmo modo, Agostinho Neto, irá promover um chamamento ligado às questões de lutas pela independência vividas pelos países africanos, principalmente em Angola.

Esse chamamento para a revolução/mudança e esperança/utopia acontece quando as obras dos poetas revelam um “esclarecimento da realidade” que é mascarada pelo poder vigente. É nesse momento que acontece a tomada de consciência da realidade. Pois, como diz Heric From, na obra *Conceito Marxista do Homem*.

É exatamente a cegueira do pensamento consciente do homem que lhe impede **de** tomar conhecimento de suas verdadeiras necessidades humanas e de ideias nele arraigadas. [...], só se tomamos conhecimento da realidade, [...], podemos também dar-nos conta de nossas necessidades reais e verdadeiramente humanas (FROMM, 1967, p.31). (Grifos nossos).

Desta feita, sobressaem dois poetas que produzem obras literárias, que dialogam entre si, carregadas por uma poesia de caráter político-social, mas de sobremaneira muito humano, que se apresenta como negação e/ou questionamento do sistema de poder vigente.

Como podemos ver no poema “À reconquista”, do angolano Agostinho Neto (1985, p. 84-85):

Não te voltes demasiado para ti mesma
Não te feches no castelo das lucubrações infinitas
Das recordações e sonhos que podias ter vivido

Vem comigo África de calças de fantasia
desçamos à rua
e dancemos a dança fatigante dos homens
o batuque simples das lavadeiras
ouçamos o tam-tam angustioso
enquanto os corvos vigiam os vivos
esperando que se tornem cadáveres

Vem comigo África dos palcos ocidentais
Descobrir o mundo real
onde milhões se irmanam na mesma miséria
atrás das fachadas de democracia de cristianismo de igualdade

Vem comigo África dos gabinetes de estudo
e reentremos na casinha das latas esquecida no musseque da Boavista
até onde já nos empurraram
ao nos quebrarem as casas de meia água do Cayatte
e à volta do fogo consolador das nossas aspirações mais justas
examinemos a injustiça inoculada no sistema vivo em que giramos

Vem comigo África dos colchões de molas
Regressemos à nossa África
Onde temos um pedaço da nossa carne calcado sob as botas dos magalas
Onde caíram gratuitamente as gotas do suor do nosso rosto
_ a nossa África

Vem comigo África do *jütterburg*
Até a terra até o homem até o fundo de nós
Ver quanto de ti e de mim faltou
Quanto da África esqueceu
E morreu na nossa pele mal coberta sob o fato emprestado
Pelo mais miserável dos ex-fidalgos

Vem comigo África dos que partiram
Olhemos claro para os ombros encurvados do povo que desce a calçada
Negro negro de miséria negro de frustração negro de ânsia
E dêmos-lhe coração
Entreguemo-nos
Através da fome da prostituição das cubatas esfuracadas
Das chanfalhadas dos cipaios
Através dos muros das prisões através da Grande Injustiça

Ninguém nos fará calar
Ninguém nos poderá impedir
O sorriso dos nossos lábios não é agradecimento
pela morte
com que nos matam.

Vamos com toda a Humanidade
Conquistar o nosso mundo e a nossa Paz.

Em 1953, ano em que o poema foi escrito, Angola vivenciava a eclosão dos primeiros movimentos de libertação, fato esse que faz com que o poema ganhe todo um sentido maior.

O reiterado convite “Vem comigo” é o chamamento do poeta é para acordar o povo, para que se desvende o mundo que está encoberto pela máscara do colonizador. Conquistar a nova Nação

que se levanta, para sair da passividade e conquistar a paz.

Olhar para a realidade da nação que está destruída sem perder-se nas “recordações e sonhos que podias ter vivido”. O poema é um aprofundar-se na alma angolana despedaçada. É um convite para reconquistar Angola, mesmo diante de toda a tragédia vivenciada. É o momento do despertar onde

Ninguém nos fará calar
Ninguém nos poderá impedir (NETO, 1985, p. 85).

Agostinho Neto, sem medo, sendo um intelectual, não apenas luta pela libertação de Angola, mas também questiona junto aos seus camaradas os objetivos da revolução e o futuro da nação depois de libertada. Assim, ele cumpre uma das funções do intelectual engajado na luta anticolonial, conforme afirmação de Edward Said, embasado em um comentário de Frantz Fanon sobre a guerra de libertação da Argélia:

Não basta que o intelectual participe do coro de vozes consensuais do anticolonialismo corporificado no partido e na liderança. Esse simples alinhamento não é suficiente. Há sempre a questão do objetivo, que, mesmo no auge da batalha, implica a análise das escolhas. Será que lutamos apenas para nos livrarmos do colonialismo (um objetivo necessário), ou estamos pensando no que vamos fazer quando o último policial branco for embora?

Segundo Fanon, o objetivo do intelectual de uma nação ou povo subjugado não pode ser simplesmente substituir o policial branco pelo seu correspondente nativo, mas, antes, o que ele denominou, citando Aimé Césaire, inventar novas almas. Em outras palavras, embora haja valor inestimável no que o intelectual faz para assegurar a sobrevivência da sua comunidade durante períodos de extrema emergência nacional, a lealdade à luta do grupo pela sobrevivência não pode envolvê-lo a ponto de anestesiar seu senso crítico ou reduzir seus imperativos (SAID, 2005, p.50).

Tanto Agostinho Neto quanto Pedro Casaldáliga são intelectuais que metem-se no que não é da sua conta, tornando-se um monstro para o poder constituído. Ambos são exemplos de intelectuais dissonantes que, segundo Said (2005, p.60), são “indivíduos em conflito com sua sociedade e, em consequência, inconformados e exilados no que se refere aos privilégios, ao poder e às honrarias”. Opção muito clara de Pedro Casaldáliga quando, por ocasião de sua sagração episcopal, não usou o anel de ouro a que tinha direito, mas de tucum, símbolo do compromisso com os pobres e oprimidos, objeto muito utilizado pelos que seguem a teologia da libertação. Juntamente com o anel, adotou, como báculo e mitra, o chapéu sertanejo e o remo-borduna, símbolos da região feitos pelos índios Tapirapé, unindo-se em gestos e símbolos ao povo e à região

Isto posto, assim como Agostinho Neto é participante da mesma realidade de seu Povo, o poeta Pedro Casaldáliga também é e assume em gesto e em verso um desejo coletivo em “Terra nossa, liberdade”:

Esta é a Terra nossa:
a Liberdade,
humanos!

Esta é a Terra nossa:
a de todos,
irmãos.

A Terra dos Homens
que caminham por ela,
pé descalço e pobre.
Que nela nascem, dela,
para crescer com ela
como troncos de Espírito e de Carne
Que se enterram nela
Como sementeira

De Cinzas e de Espírito,
Para fazê-la fecunda como uma esposa mãe.
Que se entregam a ela,
Cada dia,
E a entregam a Deus e ao Universo,
Em pensamento e suor,
Em sua alegria,
E sem sua dor,
Com o olhar
E com a enxada
E com o verso...

Prostitutos cridos
Da mãe comum,

Seus malnascidos!
Malditas sejam as cercas vossas,
As que vos cercam
Por dentro,
Gordos,
Sós,
Como porcos cevados;
Fechando,
Com seu arame e seus títulos,
Fora de vosso amor,
Aos irmãos!

(Fora de seus direitos,
Seus filhos
E seus prantos
E seus mortos,
Seus braços e seu arroz!)

Fechando-os
Fora dos irmãos
E de Deus!

Malditas todas as
propriedades privadas
que nos privam
de viver e de amar!

Malditas sejam todas as leis,
amanhadas por umas poucas mãos
para ampararem cercas e bois
e fazer a Terra, escrava
e escravos os humanos!

Outra é a Terra nossa, homens, todos!
A humana Terra livre, irmãos! (CASALDÁLIGA, 1978, p. 191 - 193).

O poema-denúncia é a contramão do que se espera de um religioso que deveria abençoar. Malditos ao latifúndio, os versos fazem o coro de quem está fora das cercas, fora do seu pedaço de chão. A força da palavra reforçada pela sonoridade das rimas e dos enjambement que dão ritmo e cadência ao poema, quase uma oração. Nesse caso, uma oração de maldição.

Ambos os poemas traduzem um sentimento de mundo dos autores. Um incomodar-se ativo que não cabe só nas palavras. Os gestos de recusa ao cenário de vida atual funcionam como uma espécie de exortação que designa a potencialidade subjetiva dos poetas que, segundo Benjamim Abdala, “carreia a energia utópica em seu desejo de transformação” (2003, p. 197). Os fragmentos dos poemas são exemplares significativos de uma forma de atuação social e humana dos poetas.

Os textos são exemplares significativos de uma forma de atuação social e humana. Os poetas, também como intelectuais engajados, inserem-se numa temporalidade e numa forma de vida atuante, como se pode ver, tanto na bibliografia de ambos, quanto, no caso de Casaldáliga, nos depoimentos de companheiros de luta e moradores da região do Araguaia.

Sobre os dois poetas recaem o mesmo reconhecimento, como afirma Tania Macêdo, sobre a poesia de Agostinho Neto, “seus textos são plenos de humanidade e o canto, a voz e o gesto se concretizam no texto: é uma poética da ação que se inscreve nos vários versos” (MACÊDO, 2007, p. 85).

Nesse aspecto, recorre-se ao filósofo Michel Foucault, no momento em que fala sobre o papel social consciente do escritor:

O papel do intelectual não é mais o de se colocar ‘um pouco na frente ou um pouco de lado’ para dizer a muda verdade de todos; é antes o de lutar contra as formas de poder exatamente onde ele é, ao mesmo tempo, o objeto e o instrumento: na ordem do saber, da ‘verdade’, da ‘consciência’, do discurso (FOUCAULT, 1979, p.42).

Para Foucault, o trabalho efetivo do texto se dá pelo retorno ao texto, não para dizer o que está mudo, mas para engendrar e exercer a função autor na potencialidade do texto. Há, sim, a presença do trabalho efetivo com a palavra que não limita o leitor, mas, ao contrário, constrói o jogo do retorno para múltiplas possibilidades de leitura, importante para a constituição do campo literário, como acontece em Casaldáliga e Agostinho Neto, cuja verdade/consciência brotam do discurso poético. Essa postura perante o mundo constitui o discurso consciente do intelectual na verdade poética que representa o lamento/grito de um presente que se lança como chamamento para o futuro.

É o autor, que empresta sua voz como um poeta e intelectual, no dizer de Edward Said (2005, p. 25) “dotado de uma vocação para representar, dar corpo e articular uma mensagem, um ponto de vista, uma atitude, filosofia ou opinião para um público”.

Dessa forma, a práxis dimensiona o caráter da escrita que rompe com o conformismo, ou seja, o escritor atua tanto como produtor do pensamento, quanto pelas reflexões de sua própria posição no processo artístico.

A análise feita dos versos dos poetas evidencia e, de certa forma, ratifica as afirmações anteriores, de que há uma forte comunicação entre a literatura produzida em Angola e no Brasil. No presente caso, temos poetas de tempos distintos e ambos demonstram uma forte crítica social. Seja luta pela independência

de Angola, seja pela “libertação” das famílias brasileiras que vivem em situação de exploração em Mato Grosso ou em qualquer lugar do mundo.

Entendemos assim que ambos exprimem um humanismo profundo que se expressa no inextinguível amor pela liberdade, pela paz, pela vida, Um amor tácito que revela a identificação destes autores com a verdade do seu povo. Por mais dura e terrível que ela seja, essa realidade ainda que mascarada, essa revolução encontra, ao menos na poesia, um caminho possível, uma forma de novidade, pois no dizer de Alfredo Bosi (2000, p.227) “o poema acende o desejo de uma outra existência, mais livre e mais bela”.

Neto, como poeta engajado tem consciência do seu papel de poeta e de líder de um povo, que também tem consciência de seu otimismo militante⁴ levando a luta e a poesia como missão, uma missão que lança bases, também para a poesia de Casaldáliga. Como poetas que se avultam no cenário de exploração e opressão em que estão inseridos, aos poucos, vão partilhando sua visão de futuro e inscrevendo a liberdade sonhada com enraizada esperança e que nada poderá destruir.

Os ideais de luta, de fé e de agir, fizeram com que Agostinho Neto e Pedro Casaldáliga adquirissem o direito de falar em nome do seu povo. Foi esta condição que possibilitou ambos, a apreenderem “a verdade do futuro dentro da ficção do presente, entender o significado dessa verdade mesmo quando se encontrasse complementemente ofuscada pelos embustes e pelo silêncio do sistema” (BASIL, 1985, 4).

Revela-se, assim, a voz igual, a face coletiva da obra desses autores, como poetas que não estão sozinhos, mas representam uma multidão de outros, que por condições adversas, não podem manifestar-se. Nestes poemas, a esperança presente em cada um é aquela que se constrói por uma causa, originária de uma ideologia, e da sociabilidade entre seus membros. Uma utopia que, por sua vez, dá forma a uma solidariedade e que no dizer de Benjamim Abdala

(2003, p. 163) realiza-se “enquanto estado de plenitude idealizada que desloca-se do futuro, ou do modelo simulado, para atualizar-se no presente”, não em um tempo de paz, mas em amanheceres de lutas, esperança e revolução.

Referências

ABDALA JUNIOR, Benjamin. **De vôos e ilhas: literatura e comunitarismos**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BASIL, Davidson. Prefácio. In: _____. **Sagrada esperança**. Cuba: União dos Escritores Angolanos, 1985. p. 4.

BLOCH, Ernst. **O princípio esperança**. Trad. Nélío Schneider. Rio de Janeiro: EDUERJ: Contraponto. 2005. (Volume 1).

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. São Paulo: T.A. Queiroz, 2000.

CASALDÁLIGA, Pedro. **Antologia retirante**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

_____. **Eu creio na justiça e na esperança**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1979.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Org. e Trad. de Roberto Machado. Rio de

Janeiro: Edições Graal, 1979.

FROMM, Erich. **Conceito marxista do homem**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

MACÊDO, Tania & CHAVES, Rita. **Literaturas de Língua Portuguesa: Marcos e Marcas – Angola**. São Paulo: Arte & Ciência, 2007.

NETO, Agostinho. **Sagrada esperança**. Cuba: União dos Escritores Angolanos, 1985.

SAID, E. **Representações do intelectual: as Conferências Reith de 1993**. Trad. Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

Notas

² Pesquisa sob orientação do Prof. Dr. Benjamim Abdala Junior (USP /UNEMAT/PPGEL) e co-orientação da Profa. Dra. Vera Maquêa (UNEMAT/PPGEL)

³ Prelazia é o nome dado a uma diocese que é criada com objetivo de atender uma determinada região ou grupo de pessoas.

⁴ Conceito defendido por Ernst Bloch no livro Princípio Esperança, onde esse otimismo militante seria o oposto de um otimismo contemplativo filosófico.